

Nas marges do texto (Umha leitura de Miguel A. Fernán Vello)

Francisco Salinas Portugal

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

SALINAS PORTUGAL, FRANCISCO (2011 [1986]). “Nas marges do texto (Umha leitura de Miguel A. Fernán Vello)”. *Agália*: 7, 324-331. Reedi-
ción en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cul-
tura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/296>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

SALINAS PORTUGAL, FRANCISCO (1986). “Nas marges do texto (Umha lei-
tura de Miguel A. Fernán Vello)”. *Agália*: 7, 324-331.

* Edición dispoñíbel desde o 14 de febreiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes:
1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucio-
nais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións
pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira
alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre
este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen
a colaboración de autores e editores.

Nas marges do texto

(Umha leitura de Miguel A. Fernám Velho)

Por Francisco SALINAS PORTUGAL

1.—INTRODUÇÃO

Se considerarmos a data do 17 de Maio, «Dia das Letras», como o ponto referencial para a produção literária do galego, temos de convir que o ano incluído entre o 84 e o 85 foi o da revelação de um poeta, Miguel Anjo Fernám Velho, que, para além dos prémios recebidos, publicou três livros, os três integrantes de um ciclo que a crítica e o próprio autor têm considerado como tal: *Seivas de amor e tránsito*, *Do desexo en corpo e sombra* e *Memorial de brancura*. Esta é a orde de publicação, embora o primeiro dos livros da citada trilogia seja o que figura em segundo lugar.

Para além desses poemários é preciso acrescentar ainda a sua colaboração nos dous volumes do colectivo *De amor e desamor* assi como outros poemas ilhados em jornais e revistas.

Esta abundância de produção nom significa umha especial «eufória produtiva» —e em tam pouco espaço de tempo— pois todos conhecemos os problemas editoriais que em torno da poesia surgem e mais ainda no caso da poesia galega. Quijo portanto o acaso que em tam breve período tivéssemos os leitores cumprido conhecimento da poesia de Fernám Velho, cousa que se bem oferece as suas vantagens, nom por isso deixa de ter também problemas pois resulta difícil para o público assimilar as diferentes propostas estéticas que o autor nos sugere em cada um dos seus livros ou entregas.

O «fenómeno Fernám Velho», como já a «crítica» (*sic*) jornalística deste país tem vindo a consagrar como lugar comum, exige, ao que nos parece, umha abordagem que nos permita aceder à globalidade e a cada um dos discursos particulares que a obra do poeta nos apresenta.

Precisamos acarretar diferentes «leituras» («particulares leituras» diríamos ainda melhor) para, do seu confronto, vir logo tirar essa possível globalidade interpretativa que facilite entender-apreender melhor o discurso poético de Fernám Velho.

É, pois, a nossa, umha leitura particular e parcial. Particular enquanto que rechaçando qualquer dogmatismo consideramos sempre que a crítica (difuso conceito!) nom deve pré-julgar outras leituras, que nom é absoluta, mas simplesmente produto da emoçom estética que um «eu» leitor experimentou perante ou dentro desse discurso poético. Dizíamos que era a nossa umha leitura particular, mas tamém parcial. Parcial nom só no que di respeito ao livro focado, o primeiro da trilogia —*Do desexo en corpo e sombra*— mas tamém quanto à atitude que como leitor adoptamos, a da paixom. O gozo que experimentámos ao apreender esse texto, pretendemos transpô-lo ao nosso discurso «crítico». Só dumha obra de que obtivemos «prazer estético» podemos falar com autêntico «prazer». Para nós, o «leitor crítico» pretende com a sua açom ser co-partícipe da própria criaçom: talvez empenho desmesurado, talvez oca vaidade, talvez ánsia impossível, mas sempre legítimo empenho. Por isso, se a leitura é «subjectiva», «subjectivo» é tamém o discurso dela decorrente, e nessa subjectividade reside a sua parcialidade. Parcialidade que nom invalida tamém os pressupostos metodológicos dos que, como ciência, a Teoria e Crítica literária fai uso.

Feita esta enumeraçom de princípios, talvez excessiva, imos pois entrar na leitura desse primeiro livro, *Do desexo en corpo e sombra*. Umha leitura que pretendemos situar precisamente nas marges do próprio texto, nas lindes da palavra; porque é nas marges, nas lindes, no limite «onde o olhar se converte em beleza» que o poema surge.

II.—O TÍTULO COMO CLAVE

Três substantivos configuram o título deste livro: um livro do «desejo», do «corpo», da «sombra». Mas, três nomes que no seu valor significativo aparecem unidos pois que nesta entrega de Fernám Velho estabelece-se um ciclo vital —ou, o que é o mesmo, poético— que partindo do desejo nos leva ao corpo e deste, inexoravelmente, à sombra, onde o desejo volta a ser anunciado sugerindo a possibilidade, necessidade mesmo, de (re)iniciar um novo ciclo cuja circularidade-reiteraçom nos vem assinalada a nível de discurso pola persistência de imagens aparentemente idênticas que põhem ao leitor perante umha escrita em continuo regresso.

1.—O desejo e a ausência da cousa.

Toda a primeira parte está orientada a configurar esse espaço poético-vital que constitui o desejo; versos dumha grande concentraçom, dumha extrema economia, onde se acumulam substantivos e adjectivos como se o poeta quiger explorar todas as possibilidades, todas as (aparentes) manifestaçons desse sentimento-objecto.

Se na language nom-literária o desejo é umha força que impulsa a vontade à conquista de um objecto, quando este se tem, quando se conquista esse objecto, aquel desaparece (isto é, o desejo leva parêlha a impossibilidade). Se nós transpugermos essa concepçom para o discurso poé-

tico, e falando desse elemento que transcende o simples motivo literário, podemos observar que, ao nom ser o texto transposição da realidade, mas criação dumha realidade-outra que através da language é conformada, vemos também como essa realidade nunca pode ser apreendida na sua totalidade pois que apreendê-la significaria a morte da poesia. É assi como, ao situar o poeta o desejo como centro desta primeira parte do livro, está também focando umha questom fulcral da actividade criadora, o da palavra como ausência da cousa, e desta maneira o *desejo* arriquece-se com todo o simbolismo da incapacidade de possessom.

Desta maneira, a aparente exaustividade, procura desesperada, de que antes falávamos, converte-se em afirmação radical da impossibilidade de apreender o todo, íntimo afâm e última finalidade do criador.

Deve-se notar também nesta primeira parte umha sintaxe extremamente simples, com super-abundância de oraçoms coordenadas, justaposições, escassez de nexos... simplificação sintáctica que tem como correlato a abundância, já assinalada, de substantivos e adjectivos; quer dizer, de elementos portadores de significado lingüístico, o que nos leva a pensar na idea do caos, naquel estádio prégio, desordenado, a partir do qual o mundo é delimitado, fixado nas estruturas sintácticas («*sin-taxis*»).

Aos poucos vai-se constatando-criando —inutilmente— a existência do desejo, as suas múltiplas faces diferentes e ilimitadas. E se nomear é criar, a inutilidade desses «nomes» levará, por inexorável caminho, ao silêncio (de aí a definição do desejo como «um silêncio»). E aqui podemos interrogar, pode-se interrogar o leitor a si mesmo: e o silêncio é umha ausência?; é o silêncio umha nom-palavra e portanto umha nom-cousa, um vazio?; ou é polo contrário a cousa mesma? Eis três perguntas que talvez fiquem sem resposta.

Mas continuemos com a nossa leitura: do desejo vai-se-nos propondo a sua realidade plurívoca, através dumha definição fragmentária, e conseqüentemente máis próxima da «verdade». E assi o desejo é:

«un peixe que morre»

(...)

«unha fonte que nasce da ferida»

(...)

«un brado»

(...)

«unha luz sen brillo»

(...)

«só luz»

(...)

«unha frecha»

...

Quer dizer, procura-se umha plausível definição, insinuam-se concretizações que pola sua sucessividade devemos considerar como desbota-

das por incompletas ou inexactas. É curioso comprobarmos como o poeta foi procurar em cousas tangíveis ou facilmente apreendíveis, a image multiforme e especular do desejo.

Mas o desejo é todo isso e nom é nada em realidade, pois que a sua definiçom se situa numha série léxica aberta. O que si é, como parece concluir o poeta, é princípio de conhecimento —como aliás toda a palavra poética o é—:

«unha fame de nuves
(...) que nos destina o tempo»

ou

«unha fame silenciosa de escumas»

2.—*O corpo como espaço da palavra.*

Sugeridas, nessa primeira parte da que acabamos de falar, variadas e, sublinhamos, incompletas possibilidades do desejo, o poeta reduz o seu campo de busca, de investigaçom e desta maneira abre-se-lhe umha possibilidade de exploraçom onde talvez tope com o cerne procurado e assi, com alegria esperaçada e com a dor (medo talvez) adentra-se na exploraçom do corpo, porque o corpo é desejo e o desejo é corpo. Por isso a segunda parte vai-se centrar sobre esse corpo que o desejo criou e permitiu descobrir.

E o corpo define-se em primeira instância como «elegância», como *performance* que nos leva ao seu descobrimento e à sua posse gozosa e serena:

«a elegância é un corpo
unha forma de ser desde a pel para o vento
(...)
a elegância é unha luz que nos invade a fronte»

E aqui impom-se, achamos, umha «pontualizaçom». Nom podemos fazer destes versos, como de outros semelhantes, o que alguns, à nossa maneira erradamente, tenhem feito: supor em M. A. Fernám Velho o culto decadente do esteta «dândi» e «snobe», pois cremos que nada está mais longe da realidade. Com efeito, a image da elegância desperta em nós imediatamente a image da mesura, sugere-nos a presença de um elemento de contençom. A primeira parte do poemário tinha-nos aberta a possibilidade da vorágine; o desejo como força centrífuga e centrípeta erigia-se como energia única, como força impulsora e geradora de novas forças. Por isso, a elegância, a realidade que através dessa image no texto se produz, vem constituir umha baliza, um freio para o possível desbordamento que ultrapasse o controle do criador; assi, como força de *ralenti* vai gerar umha tensom, umha violência contida, soterrada, que trespassa todo o discurso de Fernám Velho. Porque em definitiva podemos perguntar, que é a poesia?, onde é que surge, onde é que «acontece» o poema?... el nom é por acaso o enfrentamento dramático e doloroso entre o dito e o

nom dito o que dá orige ao texto?, é que a poesia nom surge do resultado do confronto, da loita sem desfecho, entre a realidade objectivável que se rejeita e umha realidade-outra que se propom?, nom surge, em definitiva da relaçon dialéctica entre o discurso pragmatizado, e consequentemente alienante, e um discurso-outro que se define em termos de radical liberdade?...

Talvez seja por todo isso que a elegância se erige num referente ao longo de todo o livro, ou quando menos, ao longo desta segunda parte, e nom será por acaso que os versos antes citados vam situados no começo desta segunda série, série esta que, repetimos, fica moito aquém de qualquer atitude decadente.

Retomando o fio do nosso discurso voltamos ao corpo. Este, como aliás o desejo, a realidade em definitiva, existe enquanto que existe a palavra; é palavra pois que só através dela é que é no poema. Para dizê-lo coas palavras do poeta:

«Bicarei o teu corpo
e encherei-no de nomes
(...)
encherei-no de verbos
e de palavras húmidas»

Desta maneira o corpo passa a ser matéria lingüística; longe de qualquer sentimetalismo romântico:

«Conjugarei-no todo»

Aqui retoma F. Velho o mito bíblico da génese do mundo quando «no princípio era o Verbo e o verbo era a palavra», e porque o poema é luz (símbolo de vida) é polo que, talvez, o livro se abre com estes dous versos:

«Oh esta luz
que se cria da nada»

Ao definir o corpo em funçom da palavra acada Fernám Velho o que no nosso entender constitui o ponto mais alto do livro, é aí onde coloca o problema fulcral de toda a moderna poesia: o acto criador como acto liberador por excelência pois que ao definir, como já dixemos, o corpo em funçom da palavra, esta corporiza-se (aceitemos este deverbal) e assi a palavra (e falamos evidentemente em palavra poética) nom está mediatizada, nom representa a realidade objectiva que é o corpo, senom que cria umha realidade-outra que só pode ser entendida e justificada dentro do livro, e só nel.

Configurado, pois, o corpo através da palavra e adquirida a sua realidade tangível no discurso, esse corpo em desejo, ou esse desejo que se fixo corpo, abre-se a possibilidades de multiplicaçom totalizando quanto a imaginaçom criadora do artista pode abranger. Quer dizer, o corpo torna-se o centro da realidade, ou, para dizê-lo de outra maneira, passa a

ser o micro-cosmos onde se actualiza o grande cosmos da pontencialidade, como se pode deduzir de versos como estes:

«as mans poden ser pombas (...) e poden ser luas espirais
e poden ser palabras...»

Quer dizer, da palavra à palavra, do princípio ao fim, que pola sua vez é princípio com o que o ciclo poético de Fernám Velho se fecha.

3.—*O texto e a posse.*

Abarcando-o todo, preenchendo todos os ocos da realidade possível (mas do que conseguindo-o, intentado-o, pois no momento em que isso *realmente* se conseguir deixaria de existir a poesia) o poeta sente-se solidário com o leitor; nu perante el, incita-o com a oferta da sua entrega, provoca-o mostrando-lhe, entregando-lhe o seu corpo para a posse gozosa; é, em definitiva um convite para participar no mistério da palavra poética:

«oferezo o tatexo
(...)
oferezo os meus brazos
oferezo o morniño das veas»

Nessa entrega que se nos propom anuncia-se também a transgressom como possibilidade do erotismo, como realização da sexualidade e cumpre lembrarmos que a sexualidade é acto-fonte de vida e de prazer, da mesma maneira que a palavra poética é vida porquanto cria a realidade do/no texto e é prazer enquanto que fruiçom estética.

E na entrega, na possibilidade, que é também provocaçom de transgressom reside a liberdade, quer dizer, radica aí a essência do home:

«ao son do vento e da raiola
libres»

E desta cópula que através da palavra se realiza entre o autor e o leitor chega-se à sombra: «post coitum omne animal triste», citaçom que abre a maneira de pórtico a terceira parte do livro.

Porque o corpo era luz por efeito do amor, por efeito do Eros, mas umha vez que

«o amor era unha sombra espida»
fica, em palavras do poeta
«o sangue triste
a carne»

Porém, trata-se dumha tristeza sem amargura, sem desespero, umha tristeza que será também anúncio imediato de esperança.

4.—*A soledade radical e o silêncio.*

Na sombra retoma-se a consciência da soledade radical do poeta, soledade (re)vivida, pois que da soledade, do silêncio parte o acto criador e à soledade, ao silêncio tende também, como maneira de recuperar aquel

tempo, aquel momento primeiro, o perdido paraíso, já que toda poesia se move polo profundo impulso de (re)instaurar a orde. Nom se trata evidentemente da *orde social*, pois que esta nom é mais que umha funda desorde; a orde social como aparência de orde é a mais feroz das hipocrisias, a mais bárbara maldade, e é precisamente contra essa hipocrisia, contra essa maldade, contra essa exploração, que a poesia se levanta para criar um espaço onde, individuos livres, nos podamos reconhecer.

A poesia é um acto, talvez um gesto ou grito, de esperança e de fracasso, ela surge nessa linha, freqüentemente confusa mas sempre escorregadiça, que se situa entre a possibilidade e a impossibilidade, de aí que o seu movimento seja sempre circular porque hai sempre um caminho a (re)começar.

Assi, quando se esperava atingir o todo, o estádio prévio à visom do mundo, toma-se consciência da impossibilidade de atingi-lo (por isso talvez e no fundo todo texto é a expressom de um fracasso que se assume, é a mostra dumha Palavra «ratée»), (im)possibilidade essa em que a poesia se instala e se converte em processo doloroso:

«hoxe doe-me o desexo»

Num momento desta terceira parte afirma-se que

«ás veces a soedade é un tunel
que xa se percorreu»

porque assumida a experiência da humanidade, carregando com ela, o poeta sabe-se acto repetido, porta-voz e herói (mas um herói sem atributos) no regresso cíclico, num eterno retorno da viaje ao conhecimento que o discurso poético nos propom.

E no fim existe a consciência-esperança-certeza desse (re)início

«home vivo
no fundo
das sombras vivas
do corpo»

A sombra nom é pois o estádio definitivo da morte (a citação latina perde assi certa reminiscência teológica, que quadraria bem num texto barroco); a sombra é fim, porém tamém início, tránsito e intervalo para retomar o desejo, ou o que é o mesmo: a vida, para chegar ao estádio anterior ao silêncio:

«para que agromara este silêncio de flor gris»

como di o poeta neste verso com que significativamente remata o livro. Silêncio de que partirá umha nova aventura poética; desejo de ser que nos levará a (outro?) corpo para chegar a (outra?) sombra e assi renovar em cada texto, em cada novo livro, em cada image de um poema, o sofrimento e o gozo da experiência poética.

III.—CONCLUSOM

Obviaremos nestas linhas a maneira de conclusom os tópicos como os que habitualmente se fecha um trabalho destas características geralmente ficam na enumeraçom de «temas» ou «assuntos» pendentes. É evidente que nengum texto literário se esgota numha única exegese; pretender fazê-lo seria ousadia imperdoável. Por isso, e a maneira de conclusom como já dixemos, quereríamos fazer umha brevíssima referência «Do desexo en corpo e sombra» e a sua relaçom com os outros livros da já citada trilogia.

Se compararmos em moitos aspectos os três livros, o primeiro aparece como de inferior fôlego poético, com, aparentemente, quedas de ritmo e mesmo com umha limitaçom de language que alguém poderia interpretar como empobrecedora, mas se os considerarmos desde a perspectiva da unidade (unidade que eu leitor lhe confiro em funçons de padrons de leitura próprios e que nom invalidam, antes polo contrário, a autonomia inerente a todos e cada um dos textos), se o considerarmos, pois, desde essa perspectiva, «Do desexo...» consegue-o, na nossa opiniom, tam bem ou melhor que «Seivas...» ou «Memorial...». Fernám Velho consegue construir um macro-texto com a coerência e força dumha procurada e difficil simplicidade, mas que deixa suficientes portas abertas à ambigüidade, ou o que é o mesmo, ao prazer. Um macro-texto que interessará em grande medida aos que se preocupam polos problemas do real e a poesia ou da poesia e o silêncio.

1985